



LEI **ALDIR BLANC**  
DE EMERGÊNCIA CULTURAL  
*Queimadas, Bahia*

# Retratos da Vida

*Vila Cultural*

Queimadas em fotos e poesias



**Gustavo Andrade Lantyer**

**Queimadas – BA**

**Janeiro - 2021**

# **Retratos da Vida**

Queimadas em fotos e poesias

## **Fotos da capa:**

Foto disponibilizada por Alan Silva dos Santos.

Waldyr Lantyer.

## **Escrito e organizado por:**

Gustavo Andrade Lantyer

## **Fotografias de:**

Ary Fernandes

Junior Silva Dos Santos

Neyde Lantyer

Waldyr José Andrade Lantyer

## **Arquivos iconográficos:**

Eduardo Ferreira de Jesus

Alan Silva dos Santos

## **Imagens resgatadas de páginas e perfil de Facebook:**

Murilo Varjão

Vila Bela de Santo Antônio

Queimadas

## **Poetas Queimadenses:**

Luciana Nascimento

José Ailson

Murilo Varjão

Nonato Marques

Professora Neuma

Raimundo Barbosa

# Índice

**Introdução, 01**

**Retratos da vida, 02.**

**I. A Terra, 05.**

**II. As Igrejas, 21.**

*As ruínas da igreja*

*A igreja de Santo Antônio*

*A igreja Matriz*

**III. A cidade e os seus lugares, 36.**

*Rio Itapicuru*

*Barragem*

*Ponto dos carros*

*O Juazeiro da Pedra*

*O Chalé*

*As Ruas*

*As Praças*

*A Estação*

**IV. Alguns festejos tradicionais e culturais, 72.**

*Lavagem de Igreja de Santo Antônio das Queimadas*

*Cortejo Cultural*

*Micareta*

*Carnaval*

*Missa de 13 de junho*

*Procissão*

**V. O Sertão, 93.**

**Bibliografia, 105.**

## Introdução

Este livro é uma obra livre, subjetiva e afetiva, histórica e atemporal. Livre porque nasce de um pretense escritor, um estudante de Ciências Sociais que tem interesse em literatura e fotografia e nos estudos da sociologia e da antropologia urbana; a oportunidade que surgiu de desenvolver um livro através da Lei Aldir Blanc suscitou em mim a vontade de misturar esses dois interesses: a fotografia e a literatura.

O motivo desde livro ser livre é porque ele não segue uma linha, uma tradição literária ou fotográfica, é um livro que procura reunir fotografias da cidade de Queimadas em momentos diversos do seu passado, e também do seu presente, mas não são necessariamente fotografias comparativas entre o que foi ou o que é. A composição fotográfica do livro foi feito a partir da disponibilidade de imagens que consegui reunir em um curto período, foi graças a Eduardo Ferreira de Jesus e Alan Silva dos Santos que possuem um acervo fotográfico da cidade e também de duas páginas do Facebook Vila Bela de Santo Antônio e Queimadas – Bahia, que foi possível constituir as fotografias mais históricas desde livro, aqui se encontrará fotos de diversos períodos da história, são fotos de igrejas, dos lugares mais históricos e turísticos do município, dos festejos tradicionais, culturais e religiosos.

Para além desse acervo iconográfico, o livro procurou apresentar fotografias de fotógrafos contemporâneos, aqui se encontra cliques realizados por Ary Fernandes, Junior Silva dos Santos, Neyde Lantyer e Waldyr Lantyer. Essas fotos trazem em si certo espírito artístico, são fotógrafos que buscam antes de tudo a beleza, a perspectiva correta, se preocupam com a harmonia, a luz, as cores, são olhares outros. O fotógrafo que se dedica à sua arte não se contenda com o que já está dado, a coisa em si, o fotógrafo esmiúça seu ‘objeto’, conversa com o que vai ser fotografado, mesmo que um monumento, uma árvore, uma rua, o céu.

Antes que surja a crítica, a prevalência de fotos de autoria de Waldyr Lantyer neste trabalho não é por questões de fraternidade, mas sim por que é o único fotógrafo, que eu conheço, que tem fotografias de vários lugares e situações de Queimadas.

É livre também por que as poesias e as músicas que compõem o livro são também livres. Procurei poesias e músicas que dialoguem com as fotografias, e não só com as

fotografias, mas com a história da cidade, com as memórias afetivas das festas e tradições, das personalidades que marcaram época, são poesias que falam sobre a saudade, sobre a infância, sobre o rio, sobre as igrejas, e também do sentimento de pertencimento. Acredito que a poesia e a fotografia tem a capacidade de retratar o estado de espírito de uma cidade. Certa feita Mario Quintana escreveu: “O fotógrafo tem a mesma função que o poeta: eternizar o momento que passa”. O estado de espírito de uma cidade muda, se transforma, evolui, estagna, fica alegre e fica triste. Pois quem dá vida a esse estado de espírito são as pessoas e suas obras, seus comportamentos. Os artistas são seres sensitivos, percebem os detalhes, o singelo, o passageiro, a ação do tempo, e a beleza.

Selecionei para esse livro poesias de autoria da Prof.<sup>a</sup> Luciana Nascimento, Prof. José Ailson, Prof. Murilo Varjão, o escritor Nonato Marques, Prof.<sup>a</sup> Neuma e do Prof. Raimundo Barbosa. Pareceu-me mais do que justo e lógico colocar poetas locais para falar de Queimadas. No entanto, a poesia é universal, é aberta. Esse é o motivo de colocar aqui também escritos de autores mais cosmopolitas, como Mario Quintana, Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa, Cecília Meireles, músicas de Gilberto Gil e João do Vale.

Este é um livro subjetivo por que o trabalho de dialogo ou até mesmo a falta de dialogo entre as imagens e textos é realizado por cada leitor, pois a construção de significados depende da trajetória de cada um, das experiências e vivências da memória pessoal e coletiva. O livro busca através das imagens e das poesias, construir uma ponte entre o leitor e a história sentimental expressa nas imagens e nas poesias, é necessário, portanto, para o leitor conseguir ter uma experiência mais completa da obra será imprescindível o uso da imaginação e da memória, como bem colocou o escritor francês Roland Barthes (1984):

A subjetividade absoluta só é atingida em um estado, um esforço de silêncio (fechar os olhos é fazer a imagem falar no silêncio). A foto me toca se a retiro de seu blábláblá costumeiro: “Técnica”, “Realidade”, “Reportagem”, “Arte”, etc.: nada dizer, fechar os olhos, deixar o detalhe remontar sozinho à consciência afetiva.

Realizar essa experiência possibilita-nos uma reflexão tanto crítica quanto sentimental, pois como bem colocou a socióloga Maria Eliza Linhares Borges em seu trabalho “História e fotografia” (2008) a ‘fotografia é uma das janelas para refletirmos sobre nós mesmos e sobre as tantas buscas que norteiam o caminhar do ser humano’. As

fotografias carregam em si um pedaço do tempo que se foi uma parte da constituição da história social e individual. Retratos da vida têm o propósito de constituir uma função antropológica de preservar a memória social da história de Queimadas e sua gente. O livro busca através das imagens e das poesias, construir uma ponte entre o leitor e a história visual, expressa nas imagens e nas poesias, despertando assim o interesse dos jovens de conhecer a história de sua gente e de sua cidade, assim como trazer para os mais vividos, um pedacinho do passado, uma lembrança, é um trabalho de memória afetiva.

## **Retratos da Vida**

Queimadas em fotos e em poesias

## A TERRA

A terra é assim que Euclides da Cunha inicia seu livro *Os Sertões*, clássico da literatura brasileira, um livro-reportagem sobre a Guerra de Canudos (1896-1897), é um livro interdisciplinar, traz uma abordagem sociológica, histórica, antropológica e geográfica.

Euclides da Cunha começa descrevendo as características climáticas, geográficas, topográficas, a fauna e a flora da região nordestina. Neste mesmo capítulo ele cita Queimadas, como uma localidade abençoada pelo rio Itapicuru, que produz segundo ele uma “vegetação vivaz”.

Diferentemente de Euclides da Cunha, cuja genialidade é incontestável, eu começo esse livro com este capítulo intitulado de A terra, aqui eu procurei perpassar para o caro leitor, uma sensação de voo sobre a cidade, assim a descrição não é científica, mas sentimental, são imagens captadas por drone, feitas por Waldyr Lantyer, essas imagens trazem para nós uma perspectiva mais ampla sobre o território da sede de Queimadas, deixo que os olhos do leitor viajem sobre as imagens, contemplando todo o espaço, o rio em volta da cidade, às árvores, as pontes, as ruas, as praças, o céu, as luzes e as cores do dia que reina e cria o ambiente da cidade.

Para compor esse capítulo selecionei três poesias, “Santo Antônio das Queimadas”, “Testemunha do tempo” ambas do Prof. Murilo Varjão, e “Minha Terra”, do Prof. Raimundo Barbosa.

Santo Antônio das Queimadas traz em poucas linhas um panorama histórico da cidade, do julgamento do Santo, da porta de entrada para Canudos, sobre as belezas naturais, o rio, a vegetação e a fauna, assim como os desastres naturais que assolaram a cidade, e a passagem de Lampião nessas terras.

Em Testemunhas do tempo, Murilo Varjão escreve como um cidadão preocupado com a memória, com a história e com a tradição a ser preservada e conservada pelo poder público e pelo povo, é o desejo de ver a história e a cultura ser valorizada, é o desejo de um progressista que sabe o valor e a importância de manter vivo o passado para desse modo o novo se desenvolver com bases sólidas, com raízes fortes.

Já em Minha terra, Raimundo Barbosa descreve o sentimento de ausência, de saudade, de pertencimento. É a descrição de um queimadense que precisou morar em outra cidade, e assim, descobrir como é ser queimadense, é a busca pela calma e o silêncio das noites tranquilas da cidade, é a memória dos passeios e amores. Mas é também uma crítica política, uma crítica feita à cultura política do patrimonialismo, um mal já histórico.





Imagem aérea do Rio Itapicuru ao fundo a cidade, 2020. Waldyr Lantyer.

### **Santo Antônio das Queimadas**

Queimadas, terra querida  
De história bisseccular  
Nesta data festiva  
Eu venho te exaltar  
Saudando a tua emancipação  
Como filho de coração  
Irei sempre te amar.

Santo Antônio das Queimadas  
Cidade de grande esplendor  
Por ser minha matriarca  
A declamo com amor  
Na história é baluarte  
Tendo na cultura e na arte  
Quiçá um futuro promissor?!

136 anos de História  
Desde a sua emancipação  
Somos gratos aos primeiros povos  
Que se alojaram nesse rincão  
Oriundo de duas fazendas  
Onde segundo uma lenda  
Aconteceu uma aparição  
  
De um santo de madeira  
Embaixo de um juazeiro  
A imagem era de Santo Antônio  
O português milagreiro  
No local do aparecimento  
Fez-se um juramento  
E ergueu-se um igreja no outeiro  
  
Numa Trezena Antonina  
Numa data festiva e bela  
Um escravo cometeu um crime  
Em frente à sagrada capela  
Assassinou a sangue frio  
O motivo não se descobriu  
Pois fugiu pela cancela

Santo Antônio das Queimadas

Teve que ao crime responder

Pelo fato do escravo

Às suas posses pertencer

Foi levado ao Tribunal

Perdeu todo o cabedal

Condenação foi o parecer

Essa Terra tem História

Tem Cultura e Tradição

Desde os tempos mais remotos

Já existia esse Chão

Foi a porta para Canudos

Lembrando esse fato absurdo

Que marcou nosso Sertão

Sua atraente geografia

É um recanto de beleza

O rio Itapicuru-Açu

Com sua bela natureza

Tem potencial turístico

Sendo bem característico

A sua exuberante riqueza.

Abraçado pela caatinga  
Que lhe faz um acalanto  
Ao som do canto dos pássaros  
Coral de grande talento  
Sempre em alto e bom tom  
Essa orquestra traz o som  
Do cantarino com o vento.

Em 1884  
Ocorreu a emancipação  
Passando à categoria de Vila  
Imbrincada em nosso sertão  
São 136 anos de História  
De identidade e memória  
Desse fato em questão

A Caatinga representa  
A nossa vegetação  
Cactácea e espinhosa  
Que encanta a nossa visão  
Euclides ficou fascinado  
E talvez um pouco assustado  
Se apaixonou pelo sertão

Os Sertões é uma obra antiga  
Um Clássico Centenário  
Representa um legado histórico  
E retrata bem o cenário  
De uma forma bem fiel  
Como um quadro pintado a pincel  
É um importante documentário

Duas enchentes ocorreram  
Devastando o pequeno lugar  
Quase tudo foi destruído  
Muita gente ficou sem o lar  
A cidade foi reconstruída  
E a igreja semi- construída  
As suas ruínas ainda estão lá.

Em 1929  
Próximo do ano findar  
Lampião e seu bando  
Invadiu o pequeno lugar  
Matou sete soldados  
fuzilados e degolados  
Depois de saquear

Queimadas de muitas histórias  
De um povo sofrido e guerreiro  
O progresso caminhando lento  
O que nos deixa alvissareiros  
Pois com vontade e firmeza  
Os avanços virão com certeza  
Com as bençãos do Bom Padroeiro!!

Murilo Varjão

20/06/2020



Imagem aérea da Ponte dos Trens, 2020. Waldyr Lantyer.

## **Testemunha do Tempo**

Com páginas empoeiradas

Palco de várias histórias

Assim é nossa Queimadas

e sua longa trajetória

Rica em acontecimentos,

relatos e memórias

Não podemos destruir

Uma história bissecular

Nela estão nossas raízes

e devemos valorizar

O nosso pertencimento

a esse tão belo lugar

O moderno precisa vir,

mas respeitando o nosso passado

Um povo sem história não é nada

Cuidemos de nosso legado

Preservando nossos patrimônios

Com proteção e cuidado

Nosso povo não valoriza

Como deveria valorizar

Falta sensibilidade

Para se conscientizar

Quanto a real importância

De nossa história preservar

Muitos patrimônios já foram destruídos

E outros cruelmente modificados

Precisamos defender o que resta

Senão estaremos fadados

A viver numa terra sem memória

Em um município sem passado

No século XIX

A igreja foi erigida

Centro de fé e devoção

Faz parte de nossas vidas

Que cessem as transformações

Na bicentenária ermida

Vai que um insensível  
Sem raiz com o nosso lugar  
Em nome da "fé" ou do "progresso"

Decida modernizar  
Com o aval dos ignóbeis  
Nossa igreja bissecular?

Repensemos urgentemente  
Em um projeto de tombamento  
Para salvaguardar nossa história  
Carecemos de engajamento  
E para proteger nossos patrimônios  
Necessitamos de um documento

O antigo e o moderno  
Podem conviver em harmonia  
É assim nos grandes centros  
Com respeito e sabedoria  
O moderno apontando para o futuro  
E o antigo para a nostalgia

Murilo Varjão

20/06/2020



Imagem aérea da Praça do Centenário, 2020. Waldyr Lantyer.

### Minha terra

Só estando distante e sozinho,  
Esquecido e colhendo sensações –  
Ímpares, infantis e encantadoras –  
Que percebo tua ausência, Queimadas.  
Sinto-me limitado, peixe só –  
Sem lar, Rio Itapicuru, rio amado.  
Mesmo que te chamem cidade do Já Teve,  
Outrora cidade de referência regional em território e cultura,  
Hoje sua história manchada na mídia nacional,  
Administrações reprováveis e vergonhosas  
Que não hesitaram em tornar o público privado,  
Motivo para gozações e debates acalorados.  
Olho da janela de um prédio qualquer,

Luzes infinitas, noite fria, trânsito caótico,  
Barulho ensurdecedor que anuncia o estar nas grandes cidades.  
Lembro-me dos passeios noturnos nas praças –  
Bandeira, Milena, Pirulito e outras,  
Procuro visitar a calma, o silêncio das ruas...  
Silêncio que me conduz à distância:  
Passeios nas festas juninas, a famosa maçã-do-amor  
Comida pedaço a pedaço pelos amantes,  
Simbolizando união, um só corpo...  
O milho assado nas fogueiras com os vizinhos,  
O amendoim cozido seguido de comentários sugestivos.  
Queimadas, cidade do Já Teve, do inexistente agora,  
Muitas pessoas e coisas passaram, mas o Juazeiro continua –  
Queimado, abandonado, mas perseverante na rocha,  
Na margem do Itapicuru, sugestivo para encontros e delícias.  
Para se refugiar do sol, tempos a “barriguda”,  
Que nos fala através dos espinhos e dos anos.  
A vida continua com o seu melhor:  
Nós existimos, somos o real sentido de tua existência,  
Temos intelectuais invejáveis, profissionais de fibra,  
Não do sisal muito cultivado outrora e hoje mínimo,  
Mas seres que nutrem um desejo de fazer história,  
Nossa história, nossa gente, nossos sonhos.

Prof. Raimundo Barbosa



Imagem aérea Praça da Matriz, 2020. Waldyr Lantyer.



Imagem aérea da cidade, 2020. Waldyr Lantyer.



Imagem aérea do cemitério e da igreja de Santo Antônio, 2020. Waldyr Lantyer.



Imagem aérea do Umbuzeiro, ao fundo a cidade, 2020. Waldyr Lantyer.

**AS IGREJAS**

Este capítulo tem apenas fotografias de três igrejas da cidade, as três são de fé católica. Mas pelo qual motivo, vocês não de se perguntar, escolher somente três igrejas, e católicas? Bem, a resposta não vai ser tão convincente para alguns, mas vou ser sincero: por que acredito que essas são as principais igrejas da cidade, isso no que toca ao imaginário social da sociedade queimadense, por anos, o calendário católico regeu e ainda tem influência sobre a vida cultural e social de Queimadas, são as igrejas mais antigas e imponentes da cidade.

As ruínas da igreja revela para mim as força da fé e as forças do homem, ou melhor, da humanidade, e também as forças da natureza, pois foi a fé que motivou o homem a construir em bases sólidas a casa de seu Deus, as bases sólidas do porto seguro espiritual da humanidade, no entanto, as forças da natureza são também fortes o bastantes para deixar marcas profundas nas obras do homem, são potentes e exigem respeito. Valorizar esse monumento secular é uma maneira de manter vivos a história e o que ela representa.

O intelectual queimadense Nonato Marques em seu poema A velha igreja, que está presente nesse capítulo, escreveu sobre o sentimento de respeito e reverência pelas suas ruínas, que outrora foram palco de ritos e liturgias, o peso do imaterial, do sagrado e do divino ficou em suas ruínas.

E em segundo momento, a igreja representada é a de Santo Antônio, que fica no alto da colina, bela, transparente, simples. Moradia dos que se vão. Local de adeus. Isso impõe certo respeito, assim como também suscita a reflexão sobre a nossa mortalidade. Um lugar de história. Mas é também local de festejos, de alegrias. Lá de cima se avista a cidade e além, ótimo lugar para ver o pôr do sol.

Coloquei nesse capítulo um poema de autoria de Murilo Varjão, Peleja da fé. Creio que é um poema muito pessoal dele, mas não deixa de ser também a trajetória de um crente nordestino, criado sob a égide da cultura religiosa toda ela envolta do messianismo, do folclore, das profecias. Mas é também a representação da trajetória do indivíduo que atravessa as dúvidas da vida intelectual, o ceticismo, da revolta. É um poema que me identifico bastante, e me faz lembrar também de uma fala feita por Gilberto Gil na introdução de uma música sua, Iansã, ele diz assim:

Um dia eu ainda vou me redimir por inteiro, do pecado do intelectualismo, se Deus quiser. Não vou ter mais necessidade de falar

nada, de ficar pensando em termos dos contrários, de tudo, pra tentar explicar as pessoas que eu não sou perfeito, mas que o mundo também não é, e que eu não estou querendo ser o dono da verdade, que eu não estou querendo fazer sozinho uma obra que é de todos nós e de mais alguém, que é o tempo, o verdadeiro grande alquimista. Aquele que realmente transforma tudo, um pequenino grão de areia, é o que eu sou. Só que o grão de areia já conseguiu, sendo tão grande ou maior do que eu, ser pequenininho e não precisar se mostrar mais, ficar lá, trabalha em silêncio, mar mineiro eu sou mais baiano ainda.

Ouçã: <https://www.youtube.com/watch?v=Q03QjHyDyMw>

No terceiro movimento, vem a igreja Matriz, enraizada no centro, no meio da cidade, sua arquitetura se harmoniza com a composição das ruas, com o céu. A igreja Matriz é palco das missas cotidianas, dos casamentos, dos ritos cívicos. Ao seu lado, fica o herói anônimo das caatingas, o vaqueiro. Murilo Varjão conseguiu capturar muito bem essa junção dos elementos que constitui a alma nordestina: a fé, a força e a resistência do homem nordestino. São princípios que devem estar no coração dos viajantes que ficam a espera do ônibus defronte a igreja.

### **As Ruínas da Velha Igreja**



Ruínas da Igreja, 2020. Waldyr Lantyer.

### A velha igreja

Nas velhas ruínas desta velha igreja,  
por entre escombros quase centenários,  
a evocação faz com que nela eu veja  
os sinos a tocar nos campanários.

Faz com que eu veja tudo novamente:  
a nave, o altar, os ícones sagrados  
e escuto o coro e a música dolente  
dos hinos e dos cânticos passados.

Nestas ruínas de pedra e cal habita,  
com a saudade de tantas coisas tantas,  
o espírito de uma época proscrita.

Como no muro das lamentações,  
Curvo a cabeça sobre as pedras santas  
Cedendo ao peso das recordações...

Nonato Marques



Ruínas da Igreja, 2020. Junior Silva.

**A igreja de Santo Antônio**



A igreja de Santo Antônio. Foto disponibilizada por Alan Silva dos Santos.

### Peleja da fé

Nasci nesse chão tórrido  
Segui caminho incógnito  
Cresci sereno e impávido  
Na caatinga do semiárido

Guiado pela fé sincrética  
E muitas vezes profética  
Eu cri no Deus alegórico  
Escatológico e folclórico

Com o saber acadêmico  
Me vi cético e polêmico

Talvez um ser agnóstico  
Contraditório e fáustico

Porém um abalo sísmico  
Estremeceu meu espírito  
Uma experiência drástica  
Dolorosa, mas fantástica

Retornei meu eu crédulo  
Renunciando o incrédulo  
Religando o meu espírito  
Ao perecível corpo físico

O elo é uma ação mística  
Porém não menos crítica  
Crendo no que é empírico  
Não no Deus apocalíptico

Minha oração é acústica  
Contém poesia e música  
É uma conexão dialética  
Mental, cósmica e ética!

Murilo Varjão



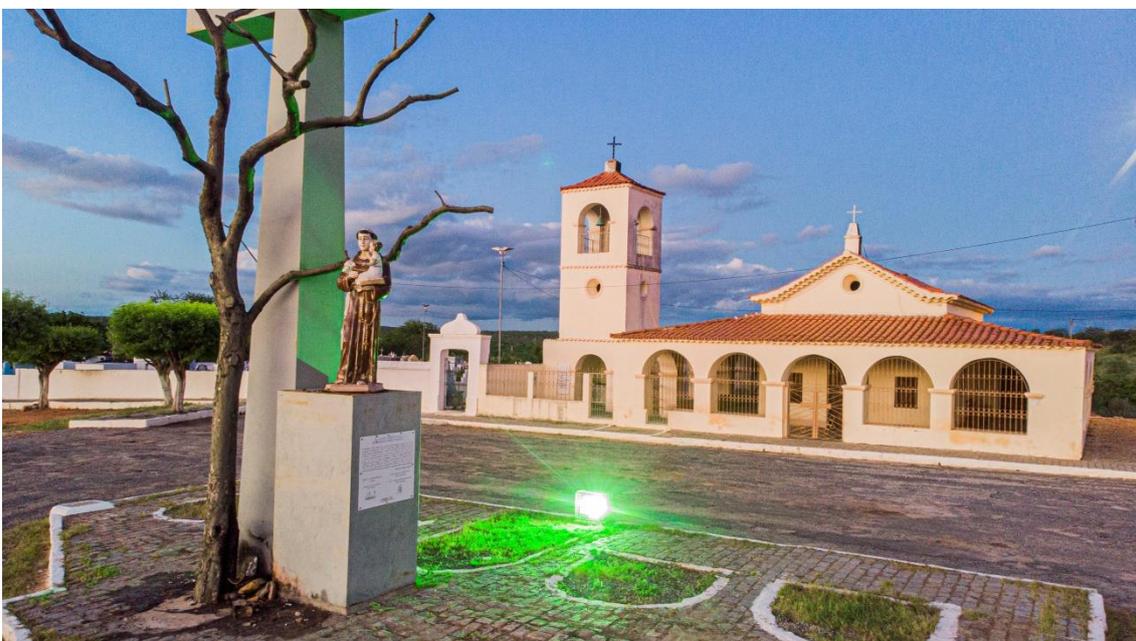
Igreja de Santo Antônio, Maio de 2002. Eduardo Ferreira de Jesus.



Igreja de Santo Antônio, 2020. Junior Silva.



Igreja de Santo Antônio, 13 de Junho 1992. Eduardo Ferreira de Jesus.



Igreja de Santo Antônio, 2020. Waldyr Lantyer.

## A igreja Matriz



Igreja da Matriz, 2015. Ary Fernandes.



Igreja da Matriz, 2020. Waldyr Lantyer.



A igreja Matriz por trás, Praça Milena, 2020. Waldyr Lantyer.

### **A Matriz e o Vaqueiro**

Símbolos da religiosidade  
E do sertanejo guerreiro  
O primeiro, a Igreja Matriz  
O segundo, a Estátua do Vaqueiro

Nossa Senhora do Rosário  
Após a enchente fundada  
Na década de 50  
Foi amplamente reformada

O Vaqueiro herói do sertão  
Teve a sua estátua inaugurada  
Na gestão de Analdino Brito  
Um símbolo de nossa Queimadas

De um lado, o templo religioso  
Do outro, a estátua imponente  
Testemunhas fixas no tempo  
Do passado histórico ao presente

Os dois se complementam  
Em poesia e história  
Religiosidade e cultura  
Identidade e memória

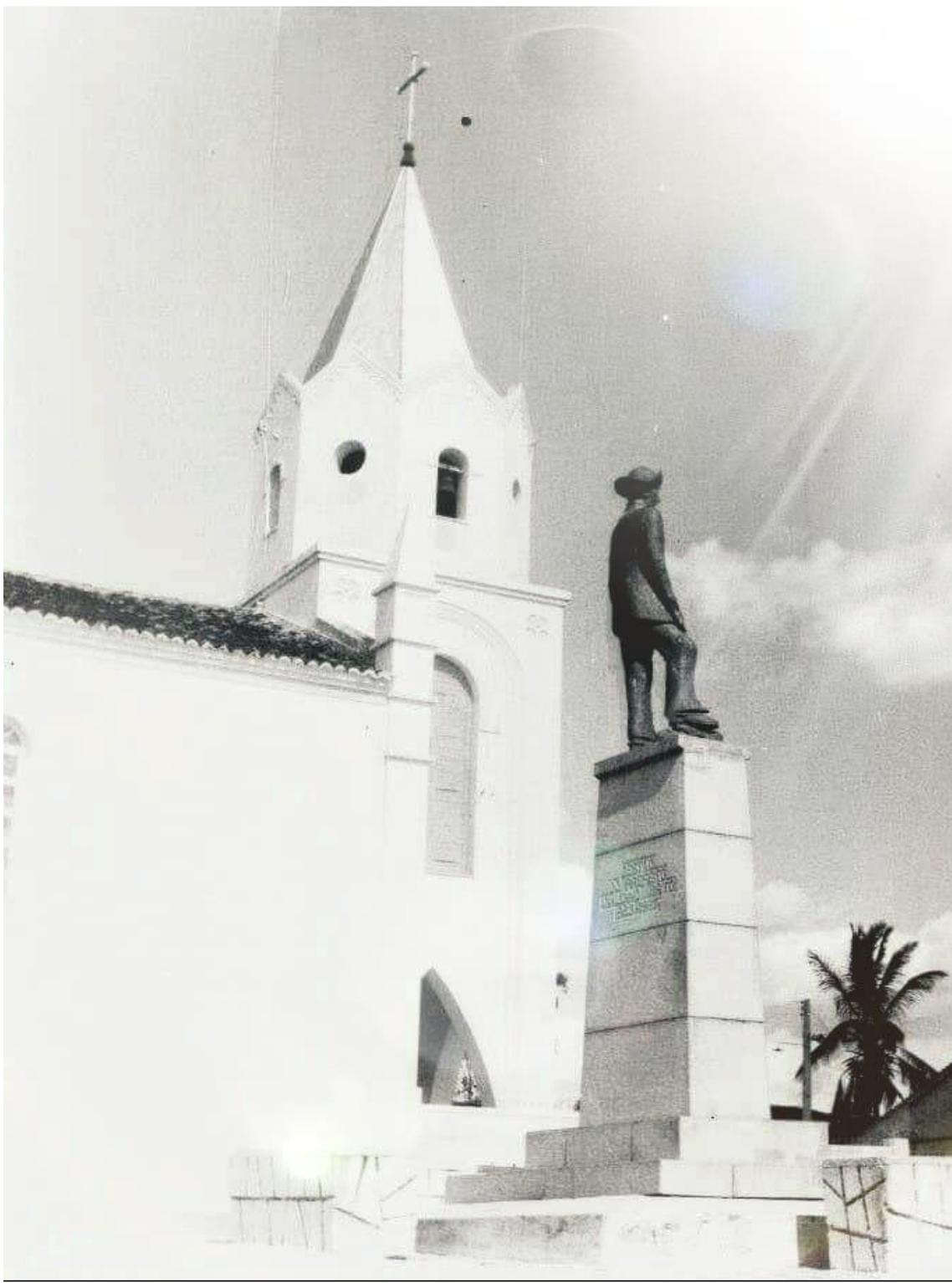
A Matriz e o Vaqueiro  
Patrimônios de nossa cidade  
Pra quem tá perto, presenças  
Pra quem tá longe, saudade!

Murilo Varjão

17/07/2020



Imagem aérea da igreja Matriz, 2020. Waldyr Lantyer.



O vaqueiro e a matriz.\*. Autor desconhecido.

\*Fotos retiradas do perfil do Facebook de Murilo Varjão. Link: <https://www.facebook.com/murilo1976>

## **A CIDADE E OS SEUS LUGARES**

Toda cidade tem os seus lugares comuns, os locais de encontros, de desencontros, tem seus monumentos históricos, tem suas belezas naturais, as praças, ponto de reunião, de ócio, de contemplação, tem suas vias principais, avenidas e ruas, que funcionam como as artérias de um organismo vivo, pois as cidades são organismos vivos, elas criam os tipos sociais, como bem descreveu João do Rio, o nosso escritor que amava as ruas: "... a rua passa a criar o seu tipo, a plasmar o moral dos seus habitantes, a inocular-lhes misteriosamente gostos, costumes, hábitos, modos, opiniões políticas". (2008)

Neste capítulo procurei reunir os lugares e pontos que mais marcaram os queimadenses, como o rio Itapicuru, a Barragem, a Ponte dos Trens, a Ponte dos Carros, o Juazeiro da Pedra, o Chalé, a Estação de Trem, assim como as principais praças da cidade, digo principais por questões de centralidade e de fluxos de pessoas.

O primeiro tópico desde capítulo é sobre o rio Itapicuru. O rio é a nossa principal fonte de riqueza, fonte da vida, as imagens aqui presentes são de autoria de Waldyr Lantyer e Junior Silva, retratam o rio na sua melhor fase, rio cheio, água fluente, são imagens que anima qualquer nativo, pois é sinal de fartura e sinal de dias melhores.

Logo após, temos imagens da Barragem, acredito que seja o local mais procurado nos dias quentes, pois o banho de rio e a alegria de encontros com amigos são garantidos. Para além de fotos, selecionei um poema de autoria da Prof.<sup>a</sup> Luciana Nascimento, onde é retratada a significância da barragem para o queimadense.

O acervo de Alan Silva trouxe fotografias da antiga Ponte dos Trens, local onde as lavadeiras exerciam o seu trabalho, onde famílias iam buscar água, era também local de brincadeiras para as crianças e de competição entre os jovens. Meu pai me conta que era onde ele ia escondido de minha avó, evidentemente por conta do perigo de tais meninices, pular a Ponte dos Trens e se deixar levar pela correnteza até a Ponte dos Carros, aqui se encontra também imagens feitas por Waldyr Lantyer da atual Ponte.

Outro local de memórias é o Juazeiro da Pedra, ou Pedra do Juazeiro, que fica próximo ao Chalé. Meu pai me conta também, que era costume de casais enamorados escreverem o nome do casal na pedra.

Outro lugar da cidade, que tem características históricas é o Chalé, local de moradia de meus antepassados, casa grande, imponente, hoje é lar de um projeto educacional e artístico, símbolo de esperança, como bem colocou a Prof.<sup>a</sup> Luciana em seu poema "O

Chalé e a infância”: “Socializando a humanização homens [...] E aquela casa enorme, com muitas portas e muitas janelas, abre “portas” para a infância esquecida. E sua posição se eleva no processo de desenvolver, transmitir valores e formar o indivíduo, restituindo-lhe a personalidade e o caráter”.

Selecionei para esse capítulo fotografias de cinco praças, são elas: Praça Luis Eduardo Magalhães, mais conhecida como praça do pirulito, Praça Coronel Francisco Lantyer, vulgo praça do Jonga, Praça do Centenário, Praça Everaldo Procópio de Oliveira, conhecida como praça da bandeira e Praça Sílfiorosa Lírio.

Para fechar o capítulo, é retratado a Estação de Trem. Local de passagem dos soldados para a Guerra de Canudos, de Euclides da Cunha, passou também o presidente Affonso Pena em 1908, assim como Rui Barbosa em sua campanha presidencial. A estação foi local de programa dominical das crianças, que ficavam à espera dos trens com os animais de circo, como me contou minha mãe.

## O Rio Itapicuru



Imagem aérea da Barragem, 2020. Waldyr Lantyer.



Imagem feita em cima da ponte dos trens, 2020. Waldyr Lantyer.



Imagem aérea do rio Itapicuru, 2020. Waldyr Lantyer.



Rio Itapicuru, 2020. Junior Siva.

## A Barragem



Imagem aérea da Barragem, 2020. Waldyr Lantyer.



Barragem, 2020. Waldyr Lantyer.

## Barragem

Este tapume no rio,  
Feito de pedra e cimento,  
Represando a água que corre fluentemente,  
Tem muita significância.

Hoje é domingo!

Dia de ir à barragem do Senhor Cosme  
Na cidade de Queimadas, no rio Itapicuru.

Dia de churrasco, cerveja, banho, violão,  
Refrigerante, namoro, bate-papo, sorrisos,

Descanso, reflexão.

Tempo de encontro e desencontros.

A pedra, corpo duro e sólido se desfaz  
Quando nos alegamos na barragem do Rio

Itapicuru.

O cimento, corpo sólido, dá-nos o exemplo de resistência

Diante das “correntezas da existência”.

No domingo, existe o júbilo

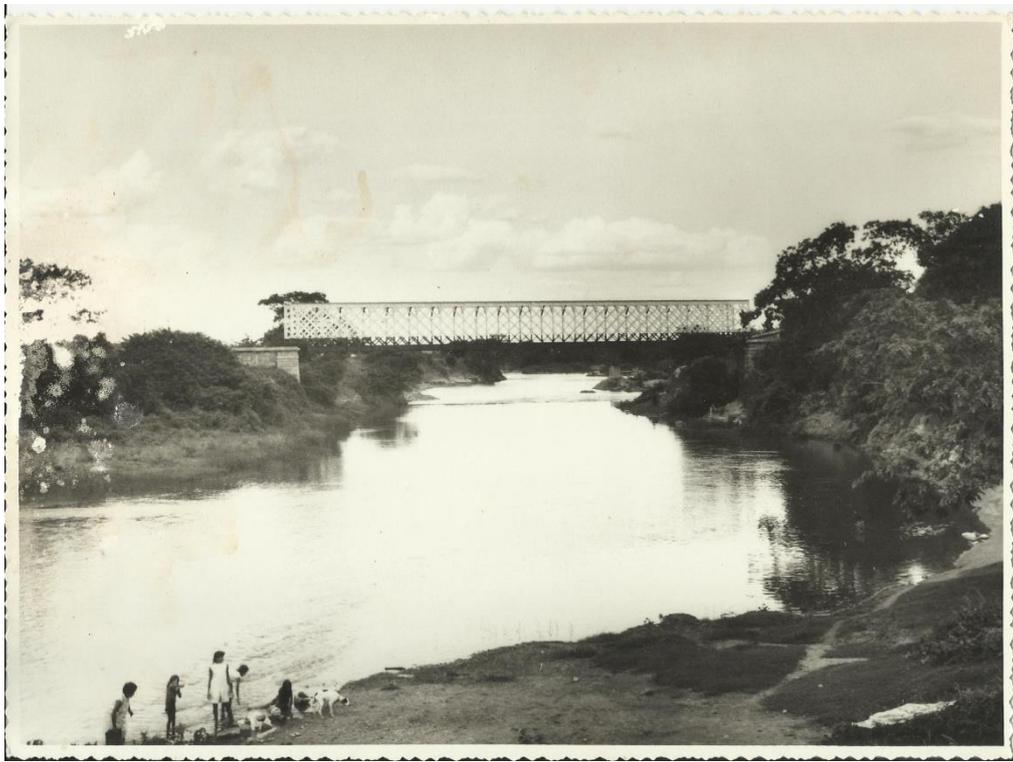
Na barragem do Rio Itapicuru.

Luciana Nascimento



Barragem, 2020. Waldyr Lantyer.

## Ponte dos trens



Antiga ponte dos trens. Foto disponibilizada por Alan Silva dos Santos



Antiga ponte dos trens. Foto disponibilizada por Alan Silva dos Santos



Ponte dos trens, 2020. Waldyr Lantyer.

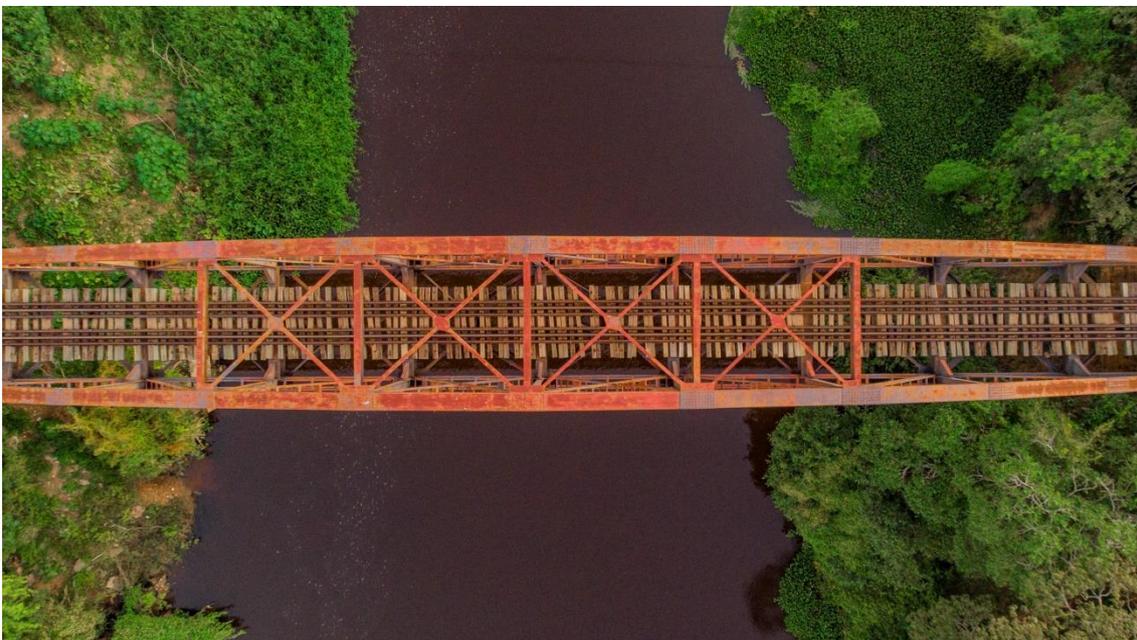


Imagem aérea da Ponte dos trens, 2020. Waldyr Lantyer.

## A ponte dos carros



Limpeza da margem do rio Itapicuru próxima à ponte dos carros, 2000. Eduardo Ferreira de Jesus. Ano - 2000. Local -



Ponte dos carros, 2020. Waldyr Lantyer.

## O Juazeiro da Pedra



Juazeiro da Pedra, 2020. Waldyr Lantyer.



Juazeiro da Pedra, 2020. Waldyr Lantyer.

### **O juazeiro da pedra**

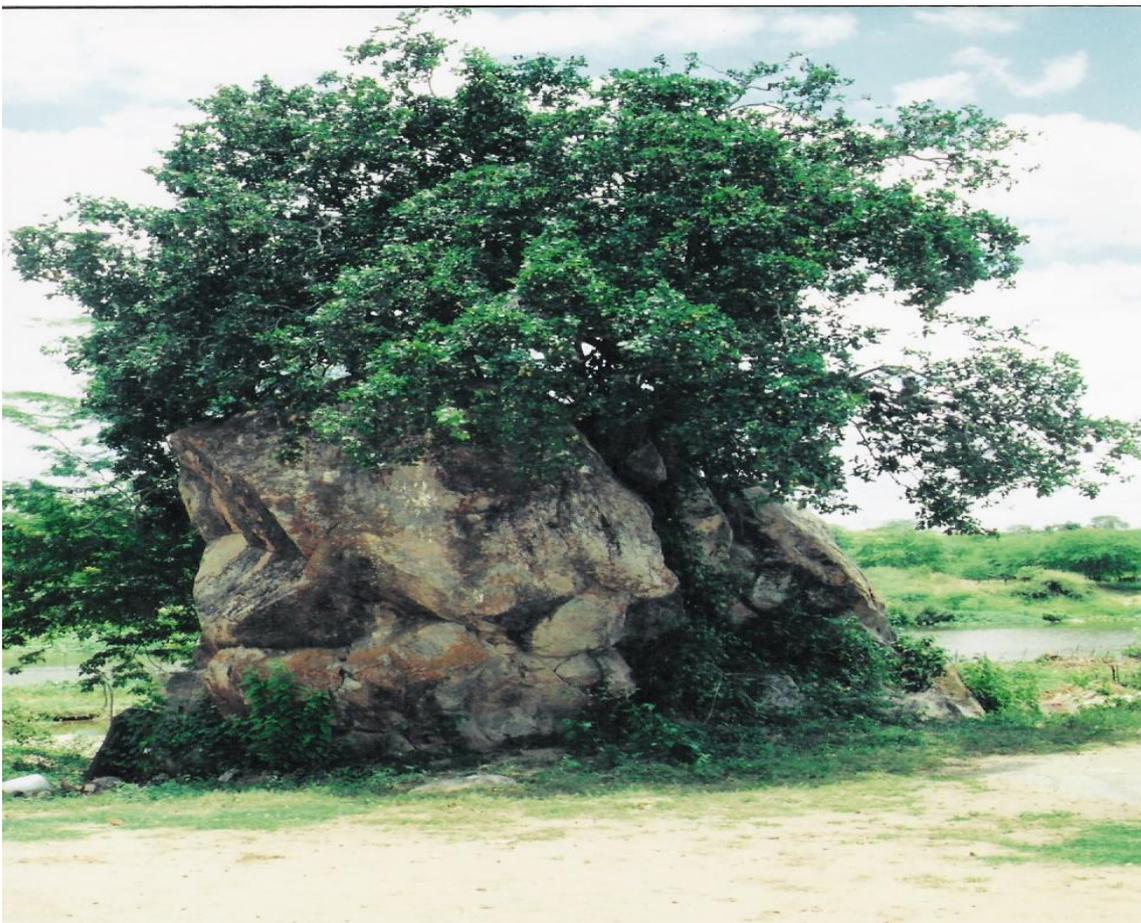
Junto ao rio, bem no alto do granito  
- como um fantasma verde e solitário –  
um velho juazeiro centenário  
está sempre a apontar para o infinito.

Raízes longas nos rachões enterra  
atravessando o coração da pedra,  
e no sol e na chuva vive e medra  
na paisagem estival da minha terra.

Símbolo vegetal da natureza  
ele mostra que a vida com beleza  
até na pedra bruta desabrocha.

Assim também o amor deita raízes  
e pode sem saber tornar felizes  
as almas que são duras como a rocha.

Nonato Marques



Juazeiro da Pedra, 1997. Eduardo Ferreira de Jesus.



Juazeiro da Pedra - Margens do Rio Itapicuru próximo ao Chalet\*.

\*Fotos retiradas da página do Facebook Vila Bela de Santo Antônio. Link:  
[https://www.facebook.com/Vila-Bela-de-Santo-Ant%C3%B4nio-Bahia-603852756379574/?\\_tn=-UC\\*F](https://www.facebook.com/Vila-Bela-de-Santo-Ant%C3%B4nio-Bahia-603852756379574/?_tn=-UC*F)

## O Chalé

### O Chalé e a infância

Em sua posição eminente,

Há mais de um século de vida.

O chalé levanta-se da sua imponência arruinada.

Ergue-se das suas ruínas sagradas.

Permanece de pé,

Socializando a humanização “homens”.

Emergiu do turbilhão de águas em tempos remotos, exemplo de  
resistência.

E aquela casa enorme, com muitas portas e muitas janelas, abre  
“portas” para a infância esquecida.

E sua posição se eleva no processo de desenvolver, transmitir  
valores e formar o indivíduo, restituindo-lhe a personalidade e o  
caráter.

O chalé...

A infância...

É possível se reconstituir!

Evidencia-se Deus, utilizando “anjos” para a reconstrução do “ser”.

O chalé resiste!

E, dentro dele, a criança abre um sorriso

O sorriso da esperança!

Luciana Nascimento



O Chalé, 2020. Junior Silva.

### O Chalet

Venha, comigo, amigo, a entrada é franca:

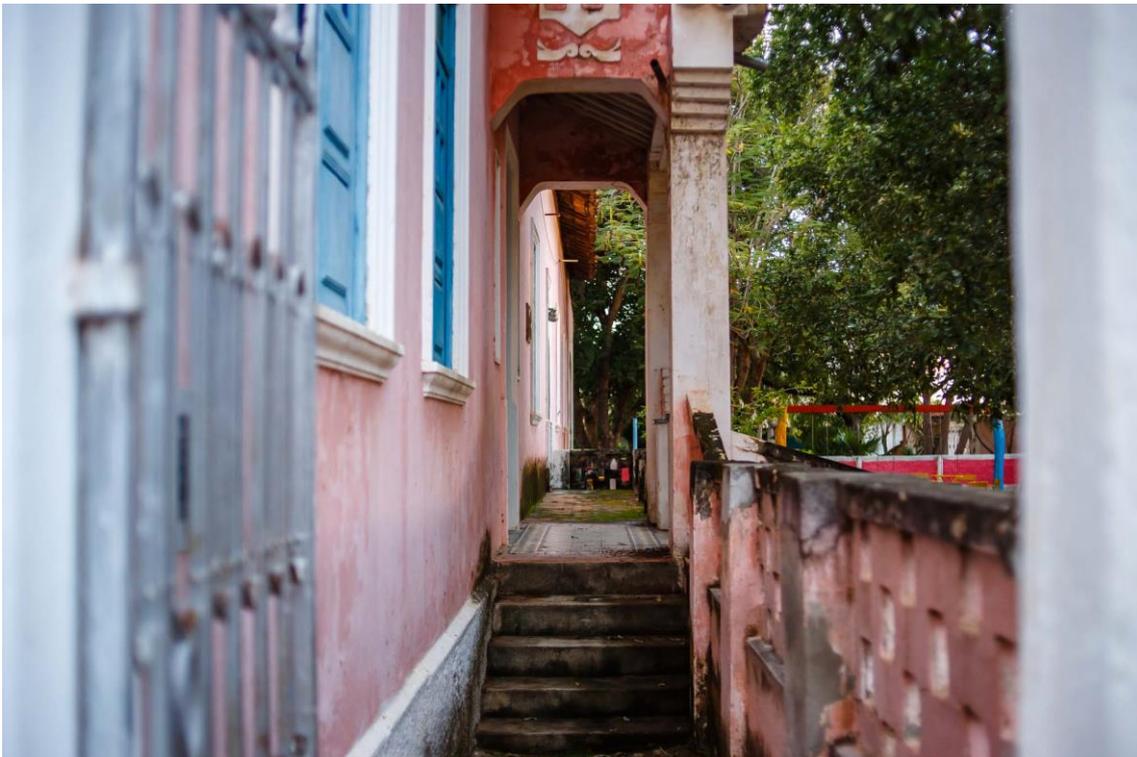
este chalet de estilo requintado  
é um símbolo já morto do passado  
- pintura antiga numa tela branca –

Entremos. A varanda é vasta e longa.

Dentro, pesa um silêncio evocativo:  
os quartos, os móveis, a estante, o arquivo,  
o corredor comprido e a sala oblonga.

Abramos as janelas. Há, lá fora,  
o mesmo sol, a mesma luz que outrora  
encheu estes salões de claridade.  
Escancaremos portas e postigos  
para que passe sob umbrais antigos  
o cortejo infinito da saudade.

Nonato Marques



O Chalé, 2020. Junior Silva.



O Chalé, 2020. Junior Silva.

### A velha casa paterna

A velha está fechada e triste.  
Dentro, um silêncio enorme e evocativo  
faz com que eu sinta cada vez mais vivo  
um mundo antigo que não mais existe.

As pessoas, as coisas, tudo excita  
a lembrança que lúcida desperta  
para rever a casa toda aberta  
e os vultos que a saudade ressuscita.

Dura pouco a visão enternecida:  
a casa está vazia, está sem vida,  
e o que já foi não voltará jamais...

Restam-me, enfim, recordações revoltas  
que parecem voar nas asas soltas  
das andorinhas soltas nos beirais...

Nonato Marques

## As ruas e as praças

### Poema às ruas da Bahia

As tuas ruas, Bahia,  
as tuas ruas velhas  
e estreitas,  
as tuas ruas tortas  
trazem consigo,  
impregnados  
nas fachadas,  
nos beirais,  
nos telhados,  
nas portas  
das tuas casas  
a poeira dos séculos  
e um cheiro vivo de história.

Pelas pedras roliças  
das tuas ruas  
- ladeira abaixo, ladeira acima –  
quantos passos já passaram!

Quanto amor,  
quanta bondade,  
quantos anos caminharam

pelas ruas da cidade...

As tuas ruas, Bahia,

escônsas,

angulosas,

originais,

lembram tempos idos,

dias distantes vividos,

coisas passadas que não voltam mais.

Nonato Marques

### Avenida Nonato Marques



Em pé na porta o Sr. Zizi (Fotógrafo). Foto disponibilizada por Alan Silva dos Santos.



Avenida Nonato Marques, no lado direito da foto a Residência do Sr. Umbelino Joaquim Santana.\*

\*Fotos retiradas da página do Facebook Vila Bela de Santo Antônio. Link:  
[https://www.facebook.com/Vila-Bela-de-Santo-Ant%C3%B4nio-Bahia-603852756379574/?\\_tn=-UC\\*F](https://www.facebook.com/Vila-Bela-de-Santo-Ant%C3%B4nio-Bahia-603852756379574/?_tn=-UC*F)

### O MAPA

Olho o mapa da cidade  
Como quem examinasse  
A anatomia de um corpo...

(E nem que fosse o meu corpo!)

Sinto uma dor infinita  
Das ruas de Porto Alegre  
Onde jamais passarei...

Ha tanta esquina esquisita,  
Tanta nuança de paredes,  
Ha tanta moca bonita  
Nas ruas que não andei  
(E ha uma rua encantada  
Que nem em sonhos sonhei...)

Quando eu for, um dia desses,  
Poeira ou folha levada  
No vento da madrugada,  
Serei um pouco do nada  
Invisível, delicioso

Que faz com que o teu ar  
Pareça mais um olhar,  
Suave mistério amoroso,  
Cidade de meu andar  
(Deste já tão longo andar!)

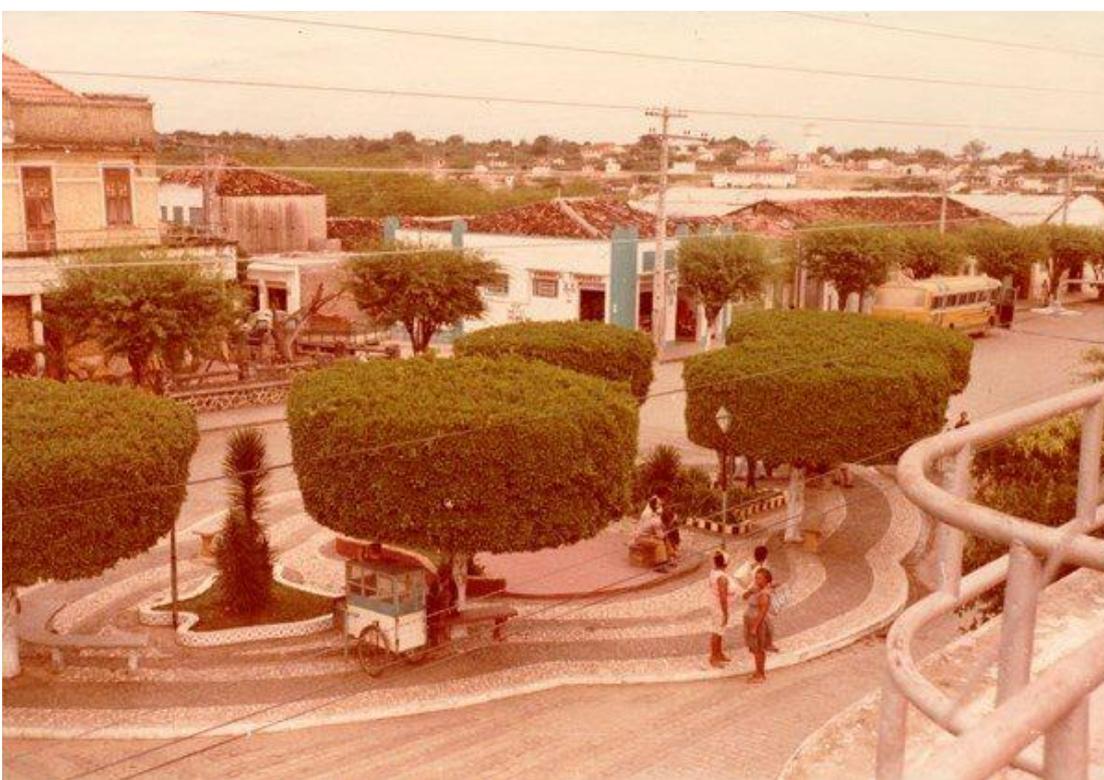
E talvez de meu repouso...

Mario Quintana

### Praça Luís Eduardo Magalhães



Praça Luís Eduardo Magalhães. Foto disponibilizada por Alan Silva dos Santos



Praça Luís Eduardo Magalhães.\*4

\*Fotos retiradas da página do Facebook Vila Bela de Santo Antônio. Link:  
[https://www.facebook.com/Vila-Bela-de-Santo-Ant%C3%B4nio-Bahia-603852756379574/?\\_tn=-UC\\*F](https://www.facebook.com/Vila-Bela-de-Santo-Ant%C3%B4nio-Bahia-603852756379574/?_tn=-UC*F)

**Se recordo quem fui, outrem me vejo**

Se recordo quem fui, outrem me vejo,  
E o passado é o presente na lembrança.

Quem fui é alguém que amo

Porém somente em sonho.

E a saudade que me aflige a mente  
Não é de mim nem do passado visto,

Senão de quem habito

Por trás dos olhos cegos.

Nada, senão o instante, me conhece.

Minha mesma lembrança é nada, e sinto

Que quem sou e quem fui

São sonhos diferentes.

Ricardo Reis

## Praça Coronel Francisco Lantyer



Imagem aérea da Praça Coronel Francisco Lantyer, 2020. Waldyr Lantyer.



Praça Coronel Francisco Lantyer, 2020. Waldyr Lantyer.



Imagem aérea da Praça Coronel Francisco Lantyer, 2020. Waldyr Lantyer.

## Praça do Centenário



Praça do Centenário\*.

\*Fotos retiradas do perfil do Facebook de Murilo Varjão. Link: <https://www.facebook.com/murilo1976>



Praça do Centenário, 2020. Waldyr Lantyer.

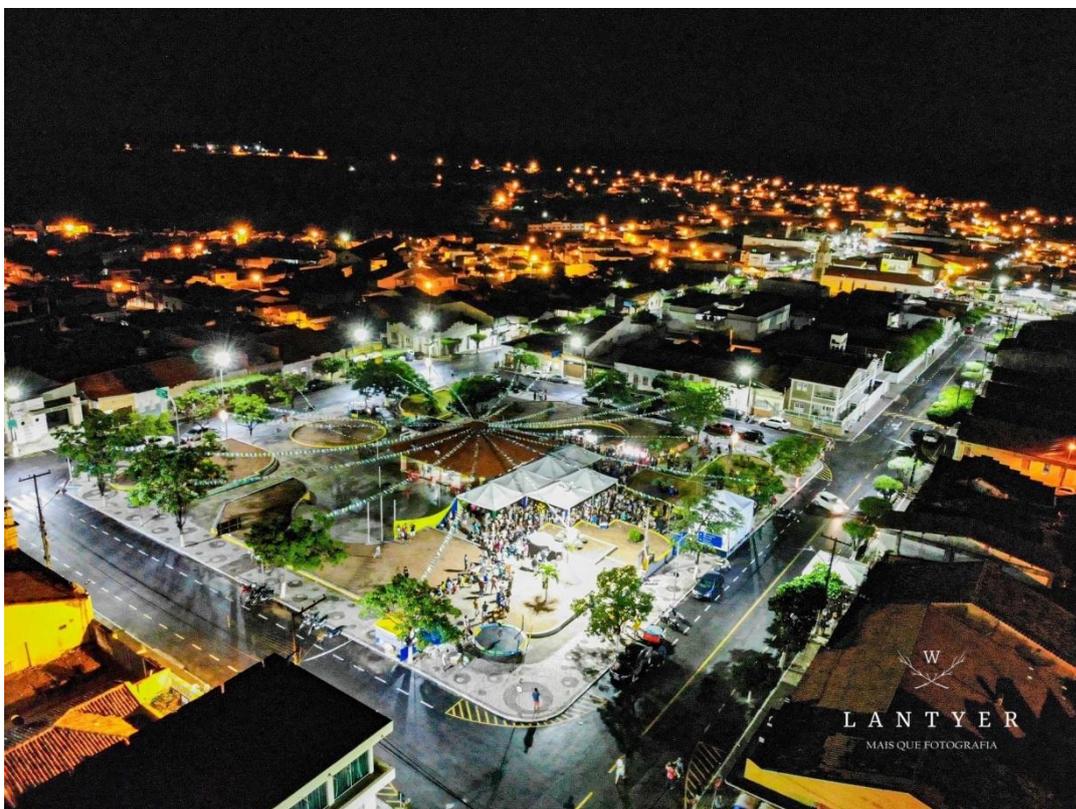


Praça do Centenário, 2020. Waldyr Lantyer.

## Praça Everaldo Procópio de Oliveira



Praça Everaldo Procópio de Oliveira, 2020. Waldyr Lantyer.

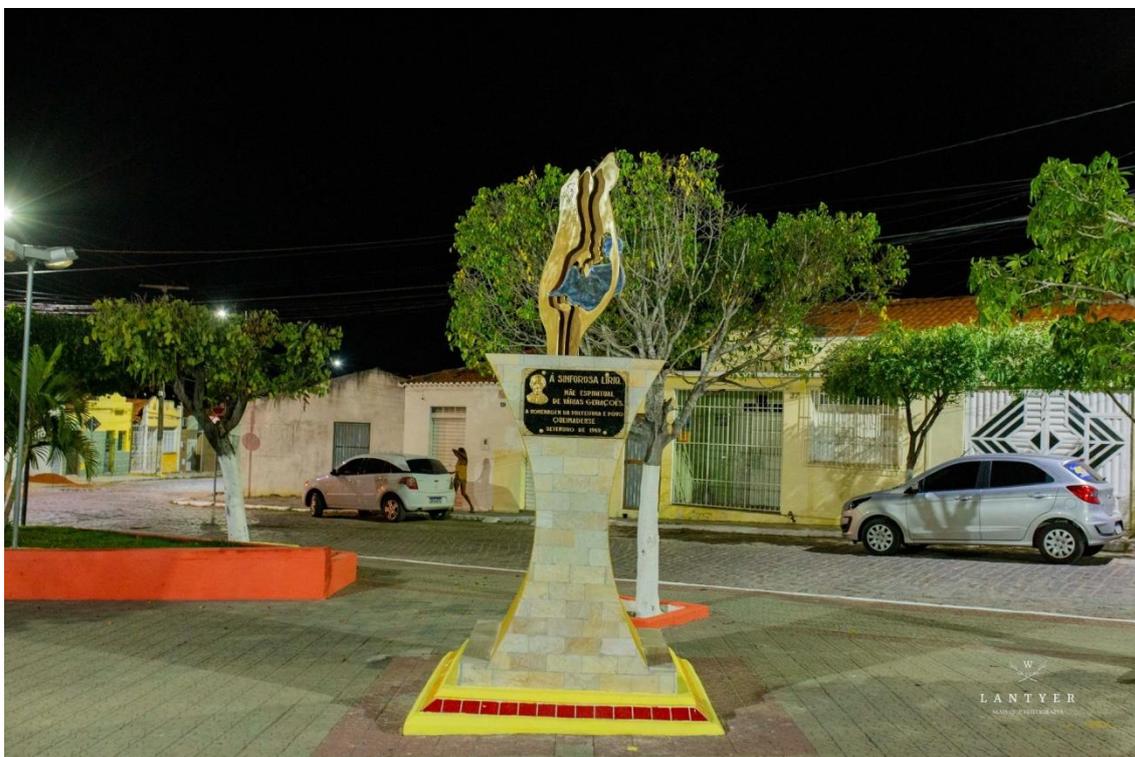


Praça Everaldo Procópio de Oliveira, 2020. Waldyr Lantyer.

## Praça Sinforosa Lírio



Praça Sinforosa Lírio, 2020. Waldyr Lantyer.



Praça Sinforosa Lírio, 2020. Waldyr Lantyer.



Praça Sinforosa Lírio, 2020. Waldyr Lantyer.

## A Estação



A estação de Queimadas e o trem de passageiros que percorria o trecho São Francisco-Juazeiro, em foto de 1905 (Autor desconhecido)\*.



Em foto mais moderna - provavelmente dos anos 1980 - a mesma estação com trens diesel e carros de aço (Autor desconhecido)\*.



Estação de Queimadas, 2020. Junior Silva.

\*Fotos e informações retiradas do site: Estações Ferroviárias do Brasil. Link: [http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba\\_paulistana/queimadas.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba_paulistana/queimadas.htm)

**ALGUNS FESTEJOS TRADICIONAIS E CULTURAIS**

Aqui reúno alguns dos principais festejos tradicionais e culturais da cidade de Queimadas, como a tão esperada Lavagem da Igreja de Santo Antônio, o Cortejo Cultural que tem intuito homenagear personalidades que marcaram de algum modo a história e a vida cultural de Queimadas, a Micareta, o Carnaval, a Missa de 13 de Junho, a Missa do Vaqueiro em louvor a São José e Procissões.

Este capítulo tem fotografias realizadas por Ary Fernandes, Waldyr Lantyer, Eduardo Ferreira, Neyde Lantyer, Luciano Andrade, e fotos do acervo privado de Alan Silva, Murilo Varjão, e da página do Facebook Queimadas – Bahia e Vila Bela de Santo Antônio.

A primeira foto desde capítulo soa para mim como a mais bela desse trabalho, por isso eu a escolhi para estar na capa do livro, é uma fotografia de autor desconhecido, faz parte do acervo de Alan Silva. Ela retrata um grupo de pessoas lavando, literalmente o chão da igreja de Santo Antônio, Roland Barthes em a Câmara Clara desenvolve dois conceitos de análise de uma fotografia: o studium e o punctum. O studium seria aquilo de objetivo que o fotógrafo procura capturar, já o punctum é a parte subjetiva da fotografia, que fica por conta do espectador que visualiza a imagem e de como ele processa essa imagem no campo do simbólico.

A foto que vós falo me parece um quadro do período renascentista ou barroco, pois é uma imagem carregada de emoção, de alegria, de ação, de fé, existe o motivo obvio dos envolvidos ali em lavar a igreja, outros em se divertir, em estarem presentes, outros em observar o ato, existe a curiosidade de ser fotografado, de aparecer para o fotografo. É uma imagem que transborda, é maior que o ato em si.

As fotografias de Neyde Lantyer também são belas, singelas, despretensiosas, é como se Neyde quisesse reter os detalhes mínimos do festejo. Seu alvo é as baianas, a cor branca, alva de suas roupas, as flores que elas carregam consigo, e as ciganas com seus vestidos de cores fortes e marcantes. Outra fotografia é de Ary Fernandes, que tem como studium o parquinho de diversão, a roda gigante e ao fundo o pôr-do-sol. É uma linda imagem. Outra fotografia forte é da micareta, do acervo de Alan, em preto e branco, é uma imagem de ação, de efusividade.

Toda essa carga é transparente em uma poesia de autoria de Murilo Varjão: “E assim era a folia”.

A religiosidade do povo também é presente aqui. Temos uma fotografia da missa de 13 de junho em preto e branco, onde ao centro da imagem está o padre rezando a missa e ao lado a orquestra sinfônica, e em volta todo o povo. Outra imagem linda é da missa dos vaqueiros em louvor a São José.

### Lavagem de Igreja de Santo Antônio das Queimadas



A Lavagem da igreja. Foto disponibilizada por Alan Silva dos Santos.



Fila harmônica. Lavagem da igreja. Foto disponibilizada por Alan Silva dos Santos.



Igreja de Santo Antônio, Lavagem da igreja, 29 de Maio de 1999. Eduardo Ferreira de Jesus.



A Lavagem da igreja. Moças vestidas de baiana. Foto disponibilizada por Alan Silva dos Santos.



Lavagem de Igreja de Santo Antônio das Queimadas © Neyde Lantyer 1995.



Lavagem de Igreja de Santo Antônio das Queimadas © Neyde Lantyer 1995.



Lavagem de Igreja de Santo Antônio das Queimadas © Neyde Lantyer 1995.



Parque de diversão montado na Lavagem da Igreja, 2018. Ary Fernandes.



Bloco Gonzagão. Lavagem da igreja, 2018. Waldyr Lantyer.



Alto do Santo Antônio, festa da Lavagem da igreja, 2019. Waldyr Lantyer.



Alto do Santo Antônio, festa da Lavagem da igreja, 2019. Waldyr Lantyer.

## Cortejo Cultural



Fotografia da chegada do cortejo cultural ao adro da Igreja de Santo Antônio, no ano de 1995. \*



Cortejo cultural, 2018. Waldyr Lantyer.



Cortejo cultural, 2018. Waldyr Lantyer.

\*Fotos retiradas da página do Facebook: Queimadas. Link: [https://www.facebook.com/Queimadas/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/Queimadas/?ref=page_internal)

## Micareta



Micareta. Foto disponibilizada por Alan Silva dos Santos.



Micareta. Foto disponibilizada por Alan Silva dos Santos.

## Carnaval



Carnaval de Queimadas- Bahia década de 80.\*.

\*Fotos retiradas da página do Facebook: Queimadas. Link:  
[https://www.facebook.com/Queimadas/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/Queimadas/?ref=page_internal)

**E assim era a folia...**

Todos aguardavam ansiosos

Pelo raiar do dia

O Carnaval se aproximava

Momento de muita euforia

Queimadas sorria em festa

Uma época de paz e alegria

O Rei Momo desfilava majestoso

Pelas ruas da pacata cidade

As princesas o acompanhavam

esbanjando charme e vaidade

Estava aberta a folia

Contagiando toda mocidade

O Trio "Lixo" era a atração primeira

Daquela época de grande valor

Os músicos orquestravam as marchinhas

Repletas de poesia e amor

Todos pulavam extasiados

As melodias de Osmar e Dodô

Fantasia, pierrots e colombinas

Máscaras, mortalhas e serpentinas

Confetes aos tantos nos ares

O spray de alfazema nas meninas

A loló inocente dos jovens  
E os beijos e amassos nas esquinas

Saudades daquele tempo memorável

Que causa grande emoção  
Lisboa solando o cavaco  
Mizinho saltitando no chão  
Saudoso Schimidt e seu talco  
Ailson embalando o povão

As guerras de carvão na pracinha  
Assistidas pelo nobre Vaqueiro  
O desfile tradicional das donzelas  
Alegravam o povo festeiro  
Que curtia hordeiramente  
A folia de fevereiro.

Murilo Varjão

### Missa de 13 de junho



Missa de Santo Antônio, 13 de junho. Foto disponibilizada por Alan Silva dos Santos.



Missa 13 de Junho, década de 1980. Banda de Zé Mocó\*.

\*Fotos retiradas do perfil do Facebook: Queimadas. Link:  
[https://www.facebook.com/Queimadas/?ref=page\\_interna](https://www.facebook.com/Queimadas/?ref=page_interna)

## Missa de Vaqueiro



Missa de Vaqueiro em louvor a São José\*.

\*Fotos retiradas da página do Facebook Vila Bela de Santo Antônio. Link: [https://www.facebook.com/Vila-Bela-de-Santo-Ant%C3%B4nio-Bahia-603852756379574/?\\_tn=-UC\\*F](https://www.facebook.com/Vila-Bela-de-Santo-Ant%C3%B4nio-Bahia-603852756379574/?_tn=-UC*F)

## Procissão



Procissão rumo à centenária Igreja de Santo Antônio das Queimadas, Semana Santa, 2002. Luciano Andrade, Photobahia.

### Procissão

Olha lá vai passando a procissão

Se arrastando que nem cobra pelo chão

As pessoas que nela vão passando acreditam nas coisas lá do céu

As mulheres cantando tiram versos, os homens escutando tiram  
chapéu

Eles vivem pensando aqui na Terra

Esperando o que Jesus prometeu

E Jesus prometeu coisa melhor

Prá quem vive nesse mundo sem amor

Só depois de entregar o corpo ao chão, só depois de morrer neste sertão

Eu também tô do lado de Jesus, só que acho que ele se esqueceu

De dizer que na Terra a gente tem

De arranjar um jeitinho prá viver

Muita gente se arvora a ser Deus e promete tanta coisa pro sertão

Que vai dar um vestido prá Maria, e promete um roçado pro João

Entra ano, sai ano, e nada vem, meu sertão continua ao Deus dará

Mas se existe Jesus no firmamento, cá na Terra isso tem que se acabar

Gilberto Gil

Ouçã: <https://www.youtube.com/watch?v=mDXG7WHyLA4>



Procissão de Santo Antônio, Queimadas, Bahia. Grupo de Oração- Terço dos Homens, 2018\*.



Procissão de Santo Antônio, Queimadas, Bahia. Grupo de Oração- Terço dos Homens, 2018\*.

\*Fotos retiradas do perfil do Facebook: Queimadas. Link: [https://www.facebook.com/Queimadas/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/Queimadas/?ref=page_internal)

## **O SERTÃO**

Chegamos ao final do livro. Nomeie o capítulo de o Sertão por que procuro aqui expressar um pouco daquilo que sinto ou aquilo que simboliza essa região do nordeste no meu imaginário. Não nasci em Queimadas, mas minhas raízes, meus antepassados são dessa terra, nasci e me criei em Brasília, onde meus pais, juntamente com outros irmãos, assim como milhares de nordestinos, saíram de suas terras para tentar fazer a vida. Cresci ouvindo histórias daqui, ouvindo músicas que cantam o nordeste e seu povo.

Esse capítulo não tem a pretensão de abarcar toda a cultura ou característica do sertão, mas sim alguns poucos elementos que faz parte da sua constituição.

Finalizo o livro com um poema escrito pela Prof.<sup>a</sup> Neuma e musicado por nosso artista Josiel. Viva o nordeste, viva o sertão, viva o povo nordestino, povo forte e resistente, que saibamos valorizar o nosso passado para que possamos construir um futuro promissor.



O vaqueiro, 2020. Waldyr Lantyer.

Com meu uniforme de couro  
Perneira, chapéu e gibão  
Sou um Vaqueiro destemido  
Pelas bandas do Sertão

O meu berro é conhecido  
Vaquejando a boiada  
Trago Deus no coração  
E vou seguindo a toada

Hoje, 19 de julho  
É dia de saudação  
Reconhecendo a nossa luta  
Como Vaqueiros do Sertão

Murilo Varjão

19/07/2020



Carcará, 2020. Waldyr Lantyer.

### Carcará

Carcará!

Pega, mata e come

Carcará!

Num vai morrer de fome

Carcará!

Mais coragem do que homem

Carcará!

Pega, mata e come

Carcará!

Lá no sertão...

É um bicho que avoa que nem avião

É um pássaro malvado  
Tem o bico volteado que nem gavião

Carcará....

Quando vê roça queimada

Sai voando, cantando

Carcará...

Vai fazer sua caçada

Carcará...

Come inté cobra queimada

Mas quando chega o tempo da invernada

No sertão não tem mais roça queimada

Carcará mesmo assim num passa fome

Os burrego que nasce na baixada

Carcará!

Pega, mata e come

Carcará!

Num vai morrer de fome

Carcará!

Mais coragem do que homem

Carcará!

Pega, mata e come

Carcará é malvado, é valentão

É a águia de lá do meu sertão

Os burrego novinho num pode andá

Ele puxa no bico inté matá

Carcará!

Pega, mata e come

Carcará!

Num vai morrer de fome

Carcará!

Mais coragem do que homem

Carcará!

Pega, mata e come

Carcará!

"Em 1950 mais de dois milhões de nordestinos viviam fora dos seus estados natais. 10% da população do Ceará emigrou. 13% do Piauí! 15% da Bahia!! 17% de Alagoas!!!"

(Carcará...)

Pega, mata e come

Carcará!

Num vai morrer de fome

Carcará!

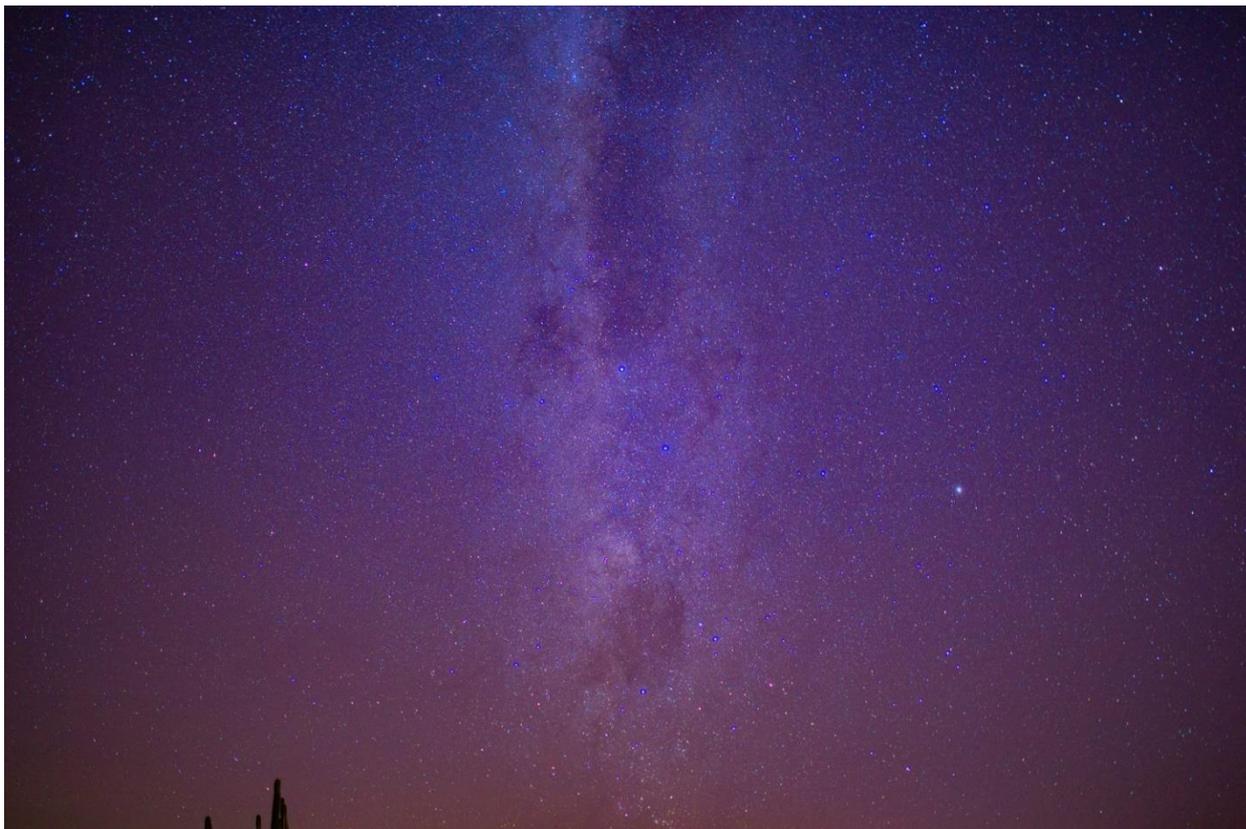
Mais coragem do que homem

Carcará!

Pega, mata e come!!!

João do Vale

Ouçã: <https://www.youtube.com/watch?v=ITmqGj-sRUo>



O céu de Queimadas, 2020. Waldyr Lantyer.

### **A ilusão do tempo**

A ilusão do tempo

Planos, promessas,

Expectativas... divisão ingênua do tempo em passado, presente e futuro... oportunidade de recomeçar o eterno aprendizado do Ser.

Pura ilusão do relógio, do calendário e da vida. A lembrança do ontem, ou a esperança no amanhã, residem num só tempo: - o presente -. Líquido e certo.

Vivamos então o agora, com a certeza de que tudo é concebido, gestado, construído e desmaterializado num espaço imaterial, indivisível e atemporal, que pode não ser poético...

mas é real!

José Ailson Oliveira



Céu de Queimadas, 2020. Waldyr Lantyer.

### A arte de ser feliz

Houve um tempo em que minha janela se abria sobre uma cidade que parecia ser feita de giz. Perto da janela havia um pequeno jardim quase seco.

Era uma época de estiagem, de terra esfarelada, e o jardim parecia morto.

Mas todas as manhãs vinha um pobre com um balde, e, em silêncio, ia atirando com a mão umas gotas de água sobre as plantas. Não era uma rega: era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não morresse. E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam de seus dedos magros e meu coração ficava completamente feliz.

Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor. Outras vezes encontro nuvens espessas. Avisto crianças que vão para a escola. Pardais que pulam pelo muro. Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais.

Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar.

Marimbondos que sempre me parecem personagens de Lope de Vega. Às vezes, um galo canta. Às vezes, um avião passa. Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino. E eu me sinto completamente feliz.

Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem, outros que só existem diante das minhas janelas, e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.

Cecília Meireles



Queimadas, 2020. Waldyr Lantyer.

### Poema Queimadas

Ah quem já bebeu de tuas águas jamais te esqueceu  
Queimadas seus rios e fontes no meu sertão  
Em cada esquina um jardim de rara beleza  
Um retrato da natureza em comemoração  
Trezenas de Santo Antônio ate São Marçal  
Lembranças de minha infância festa o mês inteiro  
Eu jamais apagarei da minha memória  
És uma parte de mim da minha história  
E todo ano voltar pra matar a saudade de quem deixei por lá  
Abraços e beijos  
E quando chego pertinho lembro de uma canção:  
“estou de volta pro meu aconchego”.

Professora Neuma

Musicada por Josiel

Ouçã: <https://www.youtube.com/watch?v=36T0H-tMpLY>

### Referências Bibliografia

**AYRES**, Alessandra et al. **Talentos de Queimadas-Bahia 2010**. Queimadas, BA: Ed. Do autor, 2009.

**BARTHES**, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Nova Fronteira, 1984.

**LINHARES BORGES**, Maria Eliza. **História e Fotografia**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008.

**MARQUES**, Nonato. Tempo de poesia. Salvador: Edições travessia, 1990.

**MEIRELES**, Cecília. A arte de ser feliz. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/t/10180/a-arte-de-ser-feliz>> Acesso em: 04, de janeiro de 2021.

**PESSOA**, Fernando. Odes de Ricardo Reis. Se recordo quem fui, outrem me vejo. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/397>> Acesso em: 04, de janeiro de 2021.

**QUINTANA**, Mario. O mapa. Disponível em: <<https://legalmap.com.br/blog/interna/o-mapa-por-mario-quintana-7>> Acesso em: 04, de janeiro de 2021.

**RIO**, João. A alma encantadora das ruas. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2008.